JOAQUIM JOSÉ LISBOA

« Escassas são as noticias que temos de Joaquim José Lisboa, alferes do regimento regular de Villa Rica de Minas.

Em 1804 publicou o seu interessante folheto in 8.° intitulado — *Descripção curiosa*, em que pinta a sua provincia nas quadras que adiante transcrevemos.

Com a invasão dos francezes em Portugal, declarou-se com o maior enthusiasmo contra estes, publicando poesias patrioticas, etc.

Em 1808 (typographia de Simão Thadeu Ferreira) publicou uma Ode ao Silveira e um Soneto á guerra.

Logo depois, (impressão regia) publicou outro intitulado—*A Proteção dos Inglezes*—com um Soneto, 32 quadras e 4 decimas, que offereceu ao novo corpo Conimbricense.

Em 1810, sob o titulo de *Obras Poeticas* (impressão regia) imprimiu dois sonetos e uma Ode ao bispo do Algarve.

Em 1811 (impressão regia) tambem com o titulo de *Obras poeticas*, consagrou a Wellington uma Ode, um Soneto, um dialogo e quatro decimas. »

E' tudo quanto o nosso poeta publicou o Sr. Varnhagen em seu *Florilegio da Poesia Brazileira*—Tomo 2.°, pag. 555.

Em sua Introducção—Tomo I, pag. XLIX disse : Ao fazermos menção de Minas nesta epocha, é impossivel deixar ao olvido a exata e ingenua *descripção dessa Provincia*, feita em quadras, pelo Alferes Miliciano Lisbôa. »

Apezar de suas diligencias, nada pudemos alcançar a cerca desse nosso comprovinciano.

«Descripção curiosa» da Provincia de Minas Geraes

Minha Marilia, eu não faço
Do Brazil uma pintura
De sublime architectura
Como a que tem Portugal.

Pinto com pobre discurso,
Com pouca arte e sem belleza,
Os dotes que a natureza
Lhe deu com mão liberal.

Campos nativos lhe deu
Deu-lhe bosques, mattas, serras,
E fez fecundas as terras
De proficuos vegetaes.

Ornam aos campos e aos mattos,
Engraçadas, tenras flores;
Com differença nas cores
No feitio e em tudo o mais.

Serpeando regam tudo
Claros frigidos ribeiros,
Que desceu d'altos oiteiros,
E d'entre rochedos nascem.

Todo o anno ha primavera
Fosse Agosto, ou fosse Abril,
As arvores no Brazil
Não me lembro que seccassem.

Seu clima e' o mesmo que este,
Porém muito mais sadio,
Porque o inverno e' menos feio,
Menos calmoso o verão.

Tão benigna a natureza
Neste paiz nos costuma,
Que gosamos sempre d'uma
Deliciosa estação.

Os campos, minha Marilia,
Sendo como são, regados,
Nutrem numerosos gados,
Sem precisão de pastor.

Um só alqueire de milho,
Na fertil terra plantado,
Dá duzentos ao cançado
Fatidico agricultor.

Temos nas nossas montanhas,
Inda nas que são mais brutas,
Saborosissimas fructas,
Que poucos conhecem cá.

Nós temos a gabiroba,
O araticum, a mangaba,
A boa jaboticaba,
O saboroso araçá.

O rugado genipapo,
A goiaba, o bom cajú.
Pitanga, bacupari,
Cambucá, azedinha, ambú.

Os joazes excellentes,
Côco espinho, jambo, angá,
Temos o mandapuçá,
Marmellada e murici.

A silvestre sapucaia,
As bananas, os mamões,
Limas da China, limões,
Temos manga e jatobá.

Temos a fructa de conde,
Gorumixamas delicadas;
E temos, posto em latadas,
Mimoso maracujá.

Temos ata, jaca, cocos,
Cabacinhas amarellas,
Ananaz e outras bellas
Fructas do mesmo paiz.

Isto junto ao genio docil
Da fiel brasilia gente,
Faz uma edade excellente,
Produz um tempo feliz.

São fartas as nossas terras
De palmitos, guarirobas,
Coroá cheiroso, taiobas,
E bolos de carimans.

Destes bollinhos, Marilia,
Usam muito aquelles povos,
Fazendo um mingáu com ovos,
Quasi todas as manhãs.

Temos o cará mimoso,
Temos raiz de mandioca,
Da qual se faz tapioca,
E temos o doce aipim

Temos o caraete',
Caraju', cará barbado,
O inhame asselvajado,
A junça, o amendoim.

Mangaritos redondinhos,
Batatas doces, andus,
Quiabos e carurus.
De que se fazem jambês.

Temos quibebés, quitutes,
Muquecas e quingobós,
Gezzelin, bolos d'arroz,
Abarás e mananés.

Temos a cangica grossa,
Pirão, bobôs, carages,
Temos os jacutupés,
Ora pro nobis, tutus.

Tambem fazemos em tempo
Do milho verde o corá,
Majangues e vatapás
Pes de moleque e cuscús.

Os rios que ha mais ricos,
Marilia, eu te vou dizer,
Si os chegares a ver,
Ao menos saber quaes são.

O Gequitinhonha é um,
Rio do Somno, Abaethé;
Porém maior que estes, é
O que passa em S. Romão.

Ha sitios em que é mais largo,
Que a distancia de trez milhas.
Basta dizer que tem ilhas,
Que dão pasto para os gados.

São tambem fecundas de fructos,
Na estação de varios mezes,
Que nutrem porcos montezes,
Anta, lobos e veados.

Temos o rio de Contas
Temos o rio da Prata,
Que em varios sitios se trata
Pelo rio Paracatú.

Temos o Parahybuna,
Visinho do Parahyba,
E temos o Paranahyba
E o rio Piraunasu.

Temos o rio das Velhas
Que passa por Sabará,
E o rio Preto que está
Visinho ao Arassuahy

Do alto monte do Itambé,
Morada de chuva e frios,
Nascem alguns sete rios,
Alem do Capivary—

Temos o rio das Mortes,
O prudente rio Verde,
Porem neste ninguem perde
Nem vida nem cabedal.

Somnolento faz seu gyro,
Não ha quem delle se queixe,
E' riquissimo de peixe,
E por manso não faz mal.

Ha no Serro o rio Pardo,
E ha outro Tijucaçu,
Rio Escuro em Paracatú,
Urucuia em S. Romão.

Torno ao Serro e mostrarei,
Que um rio Inhacica, há,
E o Paracatu onde está,
De S. Pedro o Ribeirão.

O Rio Doce la temos,
Que está contiguo ao Gentio,
E temos no Serro frio
O Inhahú e o Paraúna.

O Fanado é em Minas Novas
E perto de Macahubas,
Rio Jaboticatubas,
Rio Manso e Rino Duna.

Temos o rio das Guardas,
O da Arêa o Borrachudo
Que corre tranquillo e mudo,
E temos o Andará.

Temos o rio dos Tiros,
O rio Jequitahy,
E o rio de Pitangui,
O qual se chama o Pará.

Ha certo monte, Marilia,
Juncto á Comarca do Serro,
Que tem em si prata e ferro,
Mesmo em cima do seu cume.

E no Itacambirosu',
Juncto a diamantina serra,
Se faz extranho da terra
Excellente pedra hume.

Ha salitre em abundancia,
Barro para louça, cal
E extrahe-se da terra sal,
Nalguns sitios do sertão.

D'uma cor assucarada,
Bem como a ganga cá,
Da mesma cor temos lá,
No seu casulo, algodão.

Vamos, Marilia, observar
Outras muitas producções,
Daquelles vastos sertões,
Por onde em soldado andei.

Si eu comtigo for feliz
E ambos nos formos embora,
Quanto aqui te pinto agora
No Brazil te mostrarei.

Tu verás naquelles campos
Grande numero de emas,
Verás cantar Siriemas
Veras negros Urubu's.

Verás os pombos astutos
E verás outra perdiz,
Differente cordoniz,
E verás roxos nambu's.

Verás um passaro lindo
Todo de peito amarello,
Cujo canto é muito bello,
Porque explica *bem-te-vi.*

Grande tucano veras
Que tem palmo ou mais de bico,
Verás ave que diz *tico*
E verás o acasavi.

Gordo, cinsento macuco,
O jacutinga, o jacu',
O nocturno coriangu'
O differente pavão.

Verás encarnada arara,
Outra azul, as mexeriqueiras,
Que são assaz chocalheiras
Em todo o nosso sertão.

Verás nas nossas lagôas,
Colhereira cor de rosa,
A branca garça formosa,
O tristonho jaburu'.

Verás ave que não vôa,
Sem correr um longo espaço,
Tem bico de ferro e aço—
O seu nome é tuiuiú.

Tu verás rolinha azul
E outras mais que nunca viste,
E ouvirás a pomba triste,
Dizendo que só ficou.

Verás rolinha cinzenta,
Que cenosamente passando,
Ainda c'as outras cantando
Mesmo assim fogo-pagou.

Os papagaios verás
E de muitas qualidades,
E outras variedades
D'aves e feras tambem.

Tu verás o *João de Barros*
A' sua casa arranjar,
Onde elle deve morar
Co'a familia e mais ninguem.

Verás negra carauna,
Curicaca e sabiá,
Que imita ao melro de cá,
So no canto, não na cor.

Verás catinguento guaxo,
Abrir um leque amarello,
Verás o canario bello,
E o pequeno beija-flor.

Tu verás sabia-sica,
A Jurity, zabelé,
Nos mesmos sitios em que
A's vezes anda o mutum.

Verás socó-boi, marrecas
Nas lagoas do campo ou matto,
Os massaricos, o pato,
Narcejas, carriça, anum.

Eu, Maurilia, em Salva-terra,
Das aves na casa entrei,
E com vagar observei,
O feitio dos falcões.

Todos tem bico revolto,
Unhas e dedos cumpridos,
E são muito parecidos,
Com os nossos gaviões.

Temos ave no Brasil,
Que ao galeirão se figura,
E o seu nome Saracura,
E nos pantanos habita.

Temos o jaó mimoso,
O minhoto-ave rasteira,
A saborosa capoeira,
Que a perdiz de cá imita.

Uma ave pequena temos,
Que viuva se appellida,
Anda de luto vestida,
Traz cappello e diz viuva.

Nos lugares os mais sombrios,
Commummente é onde assiste,
Observa-se sempre triste,
Haja sol ou haja chuva.

Com um passaro pequeno,
Marilia, se viajamos,
Todos nós nos enganamos,
Ao qual chamam ferrador.

Com tão grande força bate,
Que na verdade figura,
Que atarraca a ferradura,
Pois faz o mesmo estruidos.

Temos o passaro que entôa,
Por mil differentes modos,
Porque elle arremeda todos,
Seu proprio nome é o *corrixo*.

Tem encontros amarellos,
E são passaros pequenos:
Serão pouco mais ou menos,
Do tamanho dum cochicho.

Supersticiosas velhas,
Das que benzem do quebranto,
Escondem-se, ouvindo o canto,
D'ave chamada cauãn.

E dizem a outras taes,
Que os cauãns e os bezoiros,
Annuciam maior agoiros,
Quando se ouvem de manhã.

Naquellas mattas espessas,
Ha feroses animaes:
Eu te dou delles signaes,
E das suas condições.

Quatro qualidades de onças,
Nós temos e temos lobos.
Propensos a fazer roubos,
Pois são do gado os ladrões.

Entre estas diversas onças,
Ha nellas diversas cores,
Porém todas são maiores,
Que o cruel lobo traidor.

E' parda a sassurana,
Porém mais dextra em ciladas,
Ha duas que são pintadas,
E o tigre de negra cor.

Ao que cá se chama gamo,
Lá é veado campeiro,
Ha outro que e cantingueiro,
Outro chamado irvá.

Ha raposa, ha papa-mel,
E ha do campo e do matto,
De negras mesclas um gato,
Chamado malacaia.

Temos o caitetu,
O tiririca o queixada,
Os quais deixam destroçadas,
A planta do agricultor.

Tambem faz mil prejuizos,
O astuto macaco e anta,
Porém o porco é da planta,
O peior perseguidor.

Temos dois tomanduás,
Um bandeira, outro mirim,
Temos o mono e o saguim,
O gambá e a capivara.

Ha outra onça pequena,
Que é do tamanho de um cão,
E ha tambem pelo sertão,
A grande ençuapara.

Há mocós ha pereás,
Ha quatis e a cotia,
Ha paca que foge ao dia,
Geriticaca e tiu.

Temos menor que o saguim,
Um tal caxinquelê,
Que raras vezes se vê,
Camelão e tatu.

Temos animal felpudo,
De curtos, nervosos braços
Que emquanto dá só dois passos,
Pode um homem dar tres mil.

Maldito esse bicho seja,
Que tão máo costume tem;
Pois delle o nome nos vem
Da preguiça do Brazil.

Tambem, Marilia, la temos
Cobras muito venenosas,
E por isso assaz damnosas
A tudo quanto é vivente.

Mas, mesmo nos nossos mattos,
Nos nossos campos amenos,
Temos contra estes venenos,
O antidoto excellente.

La temos cobra que engole
Um arado, tendo fome:
E' amphibia; e o seu nome
E' o grande sucuriú.

O cascavel venenoso
E' a que faz maior mal,
A jararaca, a coral
E a temivel surucucú.

Mas estes contrarios nossos
Não estão nas povoações,
São dos incultos sertões,
Os proprios habitadores.

E' certo que em Portugal
Ha lobos, mas não na corte;
Pois tambem da mesma sorte
São aquelles malfeitores.

Nos nossos rios, Marilia,
Ha muitas variedades
De peixes de qualidades,
Que em Portugal nunca vi.

Temos a peripitinga
O pacú asselvajado,
Piranga, bagre, doirado,
Piampara e lambary.

Temos a crumatã,
A traira e surubi,
A piabanha. o mandi,
A corvina. o piau.

A escamosa matrinxam,
Que no veio d'agua alveja;
E bem que mais rijo seja
O cascudo não é máo.

Os escravos pretos lá,
Quando dão com maus senhores;
Fogem, são salteadores,
E nossos contrarios são,

Entranham-se pelos mattos,
E como criam e plantam,
Divertem-se, brincam, cantam,
De nada tem precisão.

Mas inda que nada ciassem,
Ou que não fizessem rossas,
Benignas as terras nossas,
Mil silvestres fructos tem.

E como elles sejam ageis,
Descobrem naquellas mattas,
Carajú cará, batatas,
E muito mel que ha tambem.

Vem de noite aos arraiaes,
E com industrias e tretas,
Seduzem algumas pretas,
Com promessas de casar.

Elegem logo rainha,
E rei a quem obedecem,
Do captiveiro se esquecem,
Toca a rir, toca a roubar.

Eis que a noticia se espalha
Do crime e do desacato,
Cahem-lhe os capitães do Matto,
E destroem tudo emfim.

Ora ahi vem o pobre preto,
Entre cordas, preso e nu
Vão-lhe os bacalhaus ao c...
E o seu reino acaba assim.

Os indios daquelles mattos,
Por outro nome—o gentio—
Andam nus na calma e frio
Do tempo não se lhes dão.

Não tem casas, não fabricam,
Vivem da caça e dos roubos,
São peiores do que os lobos,
Peiores que as cobras são.

A uns chamam botocudos,
A outros chamam chavantes,
Que são no valor constantes,
O que não são caipós.

São os caiapós traidores,
Porém assaz timoratos
E ha tambem nos nossos mattos,
Macouis e bororós.

Não têm rei, pore'm respeitam
Entre si um maioral,
Que traz um pennacho, ao qual
Dão o nome de cacique.

Quando um com outros guerreiam,
Este os commanda, este os rege;
E pensando que os protege,
Fiam dello o seu despique.

Logo que a gentia pare,
Haja calma, ou haja frio,
Mette-se toda no rio,
E o terno filho tambem.

Este banho e'—lhe saudavel,
Do vento não se reserva,
Assim vive e se conserva,
Assim nutre e se mantem.

A este mesmo botocudo
Dão o nome de emboré;
Ha capachó, o qual e'
Sempre opposto aos malalis.

O panhamo e o mánquista
Gyram por diversos mattos;
Ha puris e ha croatos
Manaxós, machacalis.

Os botocudos, Marilia,
Têm beiço e nariz furado;
E nelle têm pendurado
Grande pedaço de páu.

Si gigantes haver podem,
Estes os gigantes são;
Tem forças e coração
Inexoravel e máo.

Deixa explicar-te, Marilia
Quaes são daquelles paizes
As virtuosas raizes,
E oleos medicinaes.

E depois te contarei,
Si me deres attenção,
Para que remedios são
Os seguintes vegetaes.

Para o gallico e' a salsa
Remedio ha muito aprovado,
E applica-se ao constipado
Raiz de Carapiá.

A casca d'anta, a chapada,
Para dores de barriga,
Diz a gente mais antiga
Que melhor, que ella, não há.

Tambem e' muito excellente
A bútua nova a biquiba
O oleo de copahyba,
Fumo bravo e fedegoso.

O barbasco, o geribão,
A vassourinha miuda,
Congonha, caroba, arruda,
E o vellame precioso.

Temos a lingua de vacca,
Que é d'uma folha comprida
A qual posta sobre a f'rida
E' remedio especial

A herva Santa Maria
Quente e posta sobre a dor,
Tem virtude superior,
Não ha outra a ella egual.

Temos o cipo de chumbo,
Temos figueira terrestre,
O pau terra, e as fructas deste
Remedio dos beiços são.

Temos abob'ra do matto,
Trapoiraba, herva do bicho,
Que se applica por esguicho,
Aos que sentem corrupção.

O uhambú, herva rasteira,
Dá um botão amarello,
Que e remedio muito bello
Para o dente que nos doe.

O mesmo dente o mastiga,
E aquelle succo excellente,
O faz sarar de repente,
E a podridão lhe destroe.

Nos temos mamona branca
Temos almecega fina
Que e uma especie de resina,
Mas, d'um cheiro especial.

Posta em parches, juncto aos olhos
Quando nos doe a cabeça,
Sua virtude depressa
Prompto allivio nos vae dar.

Virtuosa Ipecacoanha,
Cujo nome é bem notorio;
E' purgante e é vomitorio,
Do Brazil todo em geral.

Barba-timão para banhos;
E a experiencia nos ensina,
Que contra a febre malina
A capeba o cordeal.

Corpulento alto coqueiro
Produz o nosso sertão;
Dá cortiça e la lhe dão
O nome de buriti.

Do feitio da romã
Silvestre fructa la temos,
A qual cosida comemos
E lhe chamamos pequi,

Ainda vamos ver, Marilia,
De Portugal o thezoiro;
Vem ver a extracção do oiro,
Vem ver de tudo extracção.

Vem ver fabricar o assucar,
Os engenhos de pillar;
Verás tambem fabricar
Alvo, macio algodão.

Verás extrahir da terra
As saphyras, os brilhantes,
Os rubins, os diamantes
Producções de alegres vistas.

Verás o igneo topazio,
A grizelita amarella,
A esmeralda verde e bella,
Verás rôxas amethistas.

Os pingos d'agua, cascudos,
E verás outras pedrinhas,
Chamadas aguas-marinhas,
Que são azues por signal.

La verás tambem gravados,
Pingos d'outras qualidades;
E verás mil raridades
No interior do crystal.

Todas estas producções,
Ha, Marilia, no Brazil,
Mas além destas ha mil
Que com mais vagar direi.

Só posso affirmar-te agora
Que os fieis patricios meus,
Adoram no Ceo a Deus,
E adoram na terra o rei.

E' que as aguas, peixes, campos,
Pedras, fructos, oiro, prata,
E o mais que aqui se retrata
De indisiveis cabedaes,

Nada tem tanto valor
Como a fiel producção,
D'um sincero coração
Que te adora sempre mais.

— Que nelle mores e vives
Eu te posso segurar;
Ja nasceu para te amar
Para te servir nasceu.

Cumpre-te agora, Marilia,
A grata correspondencia,
De dar sempre preferencia
A um coração como o meu.

Si o real regente augsto
Fosse honrar nosso paiz,
Faria ao povo feliz
E o seu imperio faria.

No logar mais precioso
Das brazilias regiões,
E dos nossos corações
Um throno se lhes ergueria.

Mas, si elle não quer piedoso
Cheio d'alta magestade,
Ir ver na nossa amisade
O mais innocente amor;

Vamos, Marilia, gozar-nos
D'um paiz que julgam bravo,
Que bem pode o bom escravo
Servir de longe ao Senhor.